

POLÍTICAS PÚBLICAS DE ELIMINAÇÃO DE BARREIRAS: DESDOBRAMENTOS SOBRE OS ESPAÇOS DE FRONTEIRA

Roberson da Rocha Buscioli¹
Alexandre de Souza Corrêa²
Valquíria de Araújo Oliveira³

Resumo: Essa proposta de trabalho tem como objetivo central promover um diálogo em torno do tema fronteira. Dentro das particularidades do tema central, propõe-se discutir acerca de métodos para o estudo de tal espaço, coberto de uma complexidade que vai muito além dos marcos de identificação dos limites territoriais, o primeiro resumo proposto aponta algumas características sobre o limite e o não limite nas relações fronteiriças, como também da influencia de fatores exógenos na definição dos fluxos comerciais nesse espaço. O segundo resumo aborda a fronteira pela perspectiva das políticas de integração econômica, entendidas como um processo de eliminação de fronteiras e barreiras de natureza econômica entre dois ou mais países, a proposta esta em abordar o movimento de organização e desorganização do comércio em áreas fronteiriças, como fluxos de moedas e a própria circulação de mercadorias. O terceiro resumo objetiva a construção de um texto que faça um diálogo entre o tema de Fronteira e o trabalho que vem sendo desenvolvido como pesquisa de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados, busca compreender e/ou problematizar o que é o Espaço Geográfico, objeto de estudo da Geografia, para então problematizar questões sobre o uso de tal espaço a partir de uma análise da integração Latino – Americana via implantação da rota bioceânica. De modo geral, buscar-se-á manter um diálogo com o Estado e sua interação com o Capital nas áreas de fronteira, e principalmente, os desdobramentos dessa relação na (re)produção desse espaço.

1. INTRODUÇÃO

Qualquer estudo científico, incluindo os estudos nas ciências sociais, depende de um objeto de estudo, objeto esse, que pela natureza do estudo das ciências sociais deverá ser um fato social.

Igualmente, a escolha, ou melhor, a elevação de um fato histórico-social como objeto de estudo dependerá grandemente da matriz teórica do pesquisador, pode-se pensar que “Escolas” teóricas de enfoques diferenciados, poderão, e quase sempre o fazem, eleger pontos diversos para seus estudos, que em última instância concorrerão entre si pela hegemonia do conhecimento.

Nos estudo sobre fronteira a questão do método a ser utilizado, assim como em qualquer outro campo das ciências humanas, é um ponto particularmente complexo, exigindo do pesquisador uma capacidade de relacionar-se de forma multidisciplinar com os diversos saberes.

Iniciamos este ensaio com algumas considerações, a primeira é quanto à complexidade em torno do tema fronteira; a segunda, que qualquer tentativa de se

¹ Mestrando em Geografia pela UFGD – Universidade Federal da Grande Dourados. Bolsista FUNDECT e-mail: buscioli@uol.com.br

² Mestrando em Geografia pela UFGD – Universidade Federal da Grande Dourados. Professor de Economia da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) e-mail: alexandrecorrea@uems.br

³ Mestrando em Geografia pela UFGD – Universidade Federal da Grande Dourados. valquiria.oliveira@ufgd.edu.br

ordenar um método de análise sobre fronteira deverá estar aberto a críticas e sugestões, portanto, o presente trabalho não tentará esgotar o assunto, mas de forma muito preliminar expor algumas questões.

Por conta do apresentado até então, defini-se que trabalho buscará um entendimento para o estudo de fronteiras nacionais, não por entendê-la como a mais importante, até porque, a compreensão das fronteiras nacionais possivelmente estender-se-á as demais fronteiras.

Tem como objetivo central promover um diálogo em torno do tema fronteira, a proposta é discutir acerca de métodos para o estudo de tal espaço, coberto de uma complexidade que vai muito além dos marcos de identificação dos limites territoriais, como objetivo específico, buscará apontar algumas características sobre o limite e o não limite nas relações fronteiriças, como também, a influência de fatores exógenos na definição dos fluxos econômicos nesse espaço.

Assim como, questões de políticas de integração econômica, entendidas como um processo de eliminação de fronteiras e barreiras de natureza econômica entre dois ou mais países. Sendo assim, objetiva-se abordar o movimento de fluxos de moedas e a própria circulação de mercadorias, organização e desorganização do comércio em áreas fronteiriças, como também uma análise da integração Latino – Americana via implantação da rota bioceânica. Compreendendo e/ou problematizando o que é o Espaço Geográfico, para então problematizar questões sobre o uso de tal espaço a partir de um diálogo entre o tema Fronteira, Capital e Estado, pois a relação entre Capital e Estado resultarão em desdobramentos importantes para compreensão da (re)produção desse espaço. Isso significa assumir que para se conhecer a fronteira, deve-se propor um método de análise multidisciplinar, dado as multifaces da fronteira.

2. UM BREVE ENSAIO SOBRE A FRONTEIRA: O PARADOXO DO LIMITE SEM LIMITES.

Principiamos afirmando algo, que por sua vez possa parecer bastante redundante, contudo, pelo desígnio a que se colocamos a escrever é preciso ser dito: A fronteira, assim como qualquer outro episódio esta localizada em algum lugar, em um espaço, podendo ser um espaço físico ou quimérico.

Logo se pode falar da existência de varias fronteiras, sejam algumas delas: fronteiras do corpo; do conhecimento; do imaginário; das expressões, assim como, de fronteiras de expansão – produtiva e de ocupação – entre muitas outras, inclusive, a que possivelmente seja a mais perceptível das fronteiras, as fronteiras internacionais.

Falamos da fronteira enquanto um episódio por compreender que, assim como ela não pode ser entendida fora de algum espaço, muito menos poderá ser compreendida fora do tempo, fora da história, pois a fronteira deve ser tida como o produto histórico e social que é. Resultando assim que: Por ser um fato histórico-social, a fronteira tem mobilidade, decorrente da própria mobilidade social.

Da afirmação do parágrafo acima expressamos pelo menos uma ressalva: A fronteira - o limite - pode incidir de uma questão física, seja ela: o caso de relevos como acidentes geográficos como também, deficiências físicas, limitando o próprio corpo, contudo, nem mesmo essa fronteira seria fixa, mas móvel, movendo-se junto ao movimento das técnicas. Nas palavras de Garcia (2006, p. 14) : “La fronteira, al ser una creacion histórica, aparece siempre inserta em um espacio-tienpo em constante mutacion”.

Por conta do apresentado até então, defini-se que esse ensaio buscará um entendimento para o estudo de fronteiras nacionais, não por entendê-la como a mais

importante, até porque, a compreensão das fronteiras nacionais possivelmente estender-se-á as demais fronteiras.

Isso significa assumir que para se conhecer a fronteira, deve-se propor um método de análise multidisciplinar, dado as multifaces da fronteira. Em concordância com o exposto por Garcia (2006, p. 24) que diz:

A nuestro parecer, dicho conocimiento sólo se hará efectivo com el concurso de diversas disciplinas, comunicadas entre si e mediante marcos teóricos y metodológicos sólidos y compartidos que generem estructuras convergentes, sinergias, y possibiliten um tratamiento más amplio, imaginativo y sistemáticos de los dados.

É defendida por Garcia (2006), a necessidade de se elaborar modelos capazes de fornecer um panorama geral da fronteira, buscando regularidade e assimetrias dos eventos na fronteira. O modelo, segundo o autor, deveria abordar e relacionar quatro dimensões básicas:

- i) ideacional: corresponde a questões simbólicas da fronteira;
- ii) normativa: corresponde ao aparato do Estado, leis e regulamentações;
- iii) materialista: ao campo econômico, relações de produção de compra e venda;
- iv) agencial: referente aos agentes da fronteira, associações etc. Contudo, devem-se levar em consideração as limitações desses modelos.

A fronteira é um lugar, uma região, ou seja, um recorte espaço-geográfico, e conforme apresentado Arroyo (1997, p. 27) é:

... o resultado da combinação de ações diferentes, opostas, complementares, mutáveis, enfim, em permanente dinamismo. Esse campo de forças que oscila entre a cooperação e o conflito desenha uma dinâmica espacial, que se recria constantemente, privilegiando umas forças sobre outra, conforme o momento.

Dentre as mais diversas relações sociais ocorridas em áreas de fronteira, as relações econômicas são particularmente variáveis importantes a serem consideradas, dado a correlação entre o uso econômico desse espaço e sua (re)produção, essas relações comerciais dependerão de questões de ordem jurídica.

Conforme apresentado por Oliveira (2005), “São duas legislações que se impõem (ou se contrapõem): de forma *horizontal* para o outro, e vice-versa”. Fatores, como tributação diferenciada entre unidades administrativas vizinhas, acaba ocasionando o que comumente se denominou de turismo de compras. Nessas áreas o uso do espaço e seus desdobramentos se dá pelas relações de trocas, as particularidades dessa relação dependerão da legislação que regula o comércio intra-fronteiriço.

A ocorrência desse movimento pode se dar em fronteiras de unidades administrativas de um mesmo país, com também entre países vizinhos, onde normalmente a incidência será mais relevante, aqui ainda cabe ressaltar o papel das políticas monetárias na definição das taxas de câmbio, que por sua natureza são definidas pelas relações comerciais com todos os outros países parceiros comerciais, que em sua maioria, geograficamente se encontra separados não incidindo em casos de fronteiras internacionais.

Portanto, o valor das taxas de câmbio dificilmente se dará pelo comércio nas áreas de turismo de compra considerando a sua proporcionalidade em relação ao restante das relações comerciais com o restante do mundo, consideram-se ainda os interesses do setor financeiros, sobre a definição das taxas de câmbio, contudo, a correlação entre o valor da taxa de câmbio e a intensidade dos fluxos é indiscutível.

Não se trata assim apenas de uma questão de importar ou exportar mercadorias, trata-se de um comércio que em sua maioria se dá no varejo, e sua intensidade dependerá de questões na sua maioria exógenas, ocasionando em certa fragilidade nessas áreas, definidas por movimentos cíclicos.

A fim de exemplificar, tais fronteiras citam-se fronteiras do Brasil com países como Paraguai, Bolívia entre outros. Estudos a respeito do comércio em áreas de fronteira dependerão de um método diferenciado do que se usaria para compreender as relações comerciais em áreas não fronteiriças.

Oliveira (2005) nos apresenta quatro tipologias de relações de fronteiriças, a partir de uma análise quanto à intensidade e fragilidade das relações formais de troca e as relações funcionais de troca. São elas: Situação A: Baixa integração *Formal* com baixa integração *Funcional*, denominado de Uma Fronteira Morta; Situação B: Baixa interação *Formal* com alta integração *funcional*, denominado de Território Perigoso; Situação C: Alta integração *formal* com alta integração funcional, denominado de Fronteiras Vivas e por fim, situação D: Alta integração Formal e com baixa interação funcional. Apontada como Fronteira Burocrática

Por ser um produto social, é possível que a fronteira possa ser lida pela categoria Formação Econômica Sócio-Espacial. O sucesso dessa análise dependera da capacidade de se coletar os dados, conforme exposição de Martins (2007), nesse espaço a coleta de dados é de difícil acesso como também pouca qualidade no quesito confiança.

Mas muito mais do que isso, é preciso saber ler esses dados, que trazem em si mesmo a fronteira, de uma irregularidade regular, inconstância constante, pois a fronteira tem um movimento dialético, impossível de se capturar de forma unidimensional.

A mobilidade das linhas de fronteira - seja qual for à fronteira - é apenas uma das características da fronteira, a sua instabilidade. Todavia, há uma máxima ainda maior na fronteira, podemos pensar que as fronteiras, ou seja, os limites constantemente são ultrapassados. Não há limites na fronteira, eis aí o paradoxo do limite sem limites.

3. MERCOSUL E SEU PROCESSO DE INTEGRAÇÃO ECONÔMICA: UM ESTUDO SOBRE FRONTEIRA

A integração econômica pode ser entendida como um processo de eliminação de fronteiras e barreiras de natureza econômica entre dois ou mais países. Ultimamente para abordar qualquer ponto do cenário internacional, deve-se principalmente, avaliar o processo que conduz maior parte das relações internacionais, como a globalização. O crescente desenvolvimento da tecnologia facilita as informações que interligam as fronteiras, distribuindo conceitos que são operacionais aos interesses dos países centrais.

Os países centrais tendem a procurar uma crescente acumulação de riquezas através de formações de blocos econômicos e do incremento do intercâmbio comercial entre blocos, gerando uma ampliação do mercado, por meio da eliminação de obstáculos aos fluxos de mercadorias, serviços e fatores de produção, propiciando preços mais baixos, melhoria da qualidade dos produtos e aumento da produtividade dos fatores de produção.

Os principais elementos para isso ser realizado é através de importações e exportações e também de difusões de filiais transnacionais, gerando uma idéia de intercambio de conhecimentos, tecnologia e educação no mundo subdesenvolvido. As

contraposições são de que o produto nacional de conhecimento e tecnologia pode sofrer dificuldades de crescimento e ainda gerar maiores aceitações do produto estrangeiro.

A fronteira pode ser considerada como uma forma de limite de uma expansão de uma sociedade, o qual estudar fronteira requer uma melhor observação de como as sociedades se formam e se reproduzem, focalizando-as suas identidades, seus costumes e suas leis.

Na economia a fronteira tem como principal estudo, a forma de como o comércio se organiza, ou se desorganiza, e como estas relações se tornam um fator importante de uma economia fronteiriça, como fluxos de moedas e a própria circulação de mercadorias.

Na concepção de Garcia (2006) o estudo da fronteira tem a necessidade de abordar desde uma perspectiva interdisciplinar e transfronteiriça que supere as limitações dos tradicionais enfoques historicistas e geopolíticos, uma vez que, o conceito de fronteira esteve ligado a processos de militarização, burocratização, centralização e legitimação dos estados nacionais. Contudo o autor compreende que o estudo da fronteira não pode sofrer influências de interesses políticos, e sim uma interdisciplinaridade.

As fronteiras internacionais e seus espaços de influência constituem marcos privilegiado para estudar os efeitos de inúmeros fenômenos relativamente novos que se manifestam no presente, como os desdobramentos das fronteiras nacionais, a descentralização industrial, a emergência de regiões transnacionais e suas novas fronteiras, surgindo à necessidade de desenvolver uma epistemologia do estudo sobre a fronteira (GARCIA, 2006).

Neste contexto, Garcia (2006) definirá alguns princípios básicos sobre o estudo da fronteira, a saber: i) o desenvolvimento interdisciplinar, utilizando os estudos de várias disciplinas das ciências humanas, como história, geografia, economia, sociologia etc. ii) Enfatizar o lugar transfronteiriço, delimitando espaços e interação que compreendam o mesmo lado de uma fronteira; iii) Projeção de uma visão dinâmica e interativa da realidade da fronteira, compreendendo os processos e conseqüências; iv) assumir a natureza ambígua e polivalente das fronteiras; v) admitir que o uso de modelos reducionistas, é essencial para o desenvolvimento e comparações na identificação de regularidades medias ou gerais; vi) Buscar uma conjuntura, tanto macro quanto micro, enfatizando dialeticamente as relações entre estruturas e comércio; vii) projetar uma visão que possibilite o conjunto de métodos e experiências adquiridas pelo pesquisador; viii) utilizar diversos enfoques metodológicos e ferramentas de investigação e; por último ix) defender uma perspectiva crítica e intervencionista intercedendo para o desenvolvimento de uma ciência social adequada para um melhor bem estar social.

Observando o texto de Martins (2007), notam-se alguns segmentos básicos sobre o estudo da fronteira que Garcia contextualiza, como, o desenvolvimento interdisciplinar que se dará através do comércio de turismo de compras na região fronteiriça; a delimitação do espaço, buscando compreender certos pontos fronteiriços; o reconhecimento da realidade da fronteira, como Martins (2007) define:

A fronteira em questão vivencia uma trama de relações cotidianas: são pessoas, mercadorias, informações, serviços que se misturam, se integram, e conflitam de ambos os lados brasileiro e paraguaio. O ir e vir são constantes e em muitos momentos há certa dúvida se estamos em território brasileiro ou paraguaio. MARTINS (2007, p. 12)

Neste contexto, destacam-se os instrumentos metodológicos como essencial para o estudo da fronteira, com a possibilidade de focalizar alguns instrumentos necessários para o estudo, porém, a fronteira está muito suscetível a mudanças, principalmente econômica. O papel, da política econômica atual, com valorização da moeda brasileira, favorece ao turista o mercado de compra em Pedro Juan Caballero, portanto, uma desvalorização da moeda nacional pode mudar o que Martins investigou atualmente. Comparando com o aspecto cultural, este não apresenta problemas de mudanças devido a tais variáveis, pode-se dizer o que separa os dois lados (Brasil e Paraguai), está mais no aspecto cultural, que mesmo assim, em alguns momentos, se difundem nas linhas da fronteira.

Cabe destacar, o espaço da fronteira investigado por Garcia (2006), que entende como um território exclusivo por qual exerce uma soberania de um poder Estado-nação, em espaço difuso de transição entre cultura e civilização. Garcia divide em quatro subcampo, um modelo sócio-cultural para o estudo da fronteira, o subcampo ideacional (ideológico), definido para o estudo das identidades sócio culturais, como representações simbólicas, as etnias religiosas e lingüísticas, focalizando mais os conceitos ideológicos que podem ser contextualizado de acordo com as diferenças existentes entre as fronteiras, nas palavras de Garcia (2006, p. 16) “La produccion artistica y la hermenêutica no solo son necesarias, sino hasta imprescindibles para explorar estos espacios inaccesibles a la cuantificacion”

Outro subcampo que o autor divide é o normativo, este método de estudo, abrange as relações do poder do Estado e de grupos de Estado, os valores e a moralidade que esta ligado as leis impostas pelo Estado, o qual o pesquisador deve diferenciar estas leis e normas, para a compreensão da fronteira. Destaca-se ainda o poder em exercício e os dispositivos do poder, como é o caso dos recursos militares que cada lado oferece para segurança, vigorando certas condições para a transição de fronteiriços. E por último, a fronteira política, do fiscal e do administrativo.

O subcampo normativo refere-se ao estudo de organizações políticas assim como suas normas e leis, fazendo com que o investigador faça uma revisão histórica sobre as políticas adotadas na fronteira, ou seja, tanto a política interna como a externa.

O terceiro subcampo, do método de estudo, é o subcampo materialista, este subcampo, relaciona ao modelo econômico que a fronteira apresenta, assim como as relações de produção, intercâmbios de bens. Este subcampo mostra uma relação do fluxo econômico de uma fronteira, como as duas sociedades se comportam e se organizam comercialmente. Enfatiza o estudo do desenvolvimento das atividades de pessoas que vivem na região fronteiriça, descrevendo as atividades e os intercâmbios do aspecto cultural. Outro fator essencial, é o intercambio licito e ilícitos, que denota uma fronteira rígida de poder, pelo fato de que surge contrabando de mercadorias e tráficos ilegais.

O ultimo e quarto subcampo, define-se como subcampo agencial, este relacionado mais e especialmente a investigação empírica, o qual se trata de investigar o sujeito e as experiências, buscando saber os interesses do individuo assim como sua interação com a fronteira, definindo como se dá o cotidiano na fronteira.

Este subcampo compreende a investigação da fronteira com a realidade de um espaço, levando-se em conta as interações, as atividades, as atitudes e as expectativas que vivem e interagem em uma zona fronteiriça.

Neste contexto, a construção epistemológica que Garcia demonstra no decorrer do trabalho para o estudo da fronteira, se torna um ponto de partida para o investigador que pretende abordar o estudo da fronteira internacional. Destacando o papel da interdisciplinaridade como de fundamental importância para se entender os fenômenos

que surgem nas regiões fronteiriças. Contudo, o trabalho de Martins (2007), denotou-se dificuldades na pesquisa de campo, pelo fato de haver certa desconfiança tanto do turista, como do comerciante ao ser entrevistado. Portanto, estudar fronteira é uma tarefa complexa que exige do investigador alguns instrumentos de estudo que auxiliem no desenvolvimento de sua pesquisa.

4. FRONTEIRA E A QUESTÃO DA INTEGRAÇÃO SUL - AMERICANA

Para iniciar a discussão, nada melhor do que buscar compreender e/ou problematizar o que é o Espaço Geográfico, objeto de estudo da Geografia. E, isso não é tarefa fácil, pois, dentro do âmbito da ciência geográfica, poucos foram os autores que conseguiram sistematizar esse “espaço” que se encontra no cerne das discussões acima da Geografia.

No livro *A Reinvenção do Espaço* (2002), Douglas Santos busca um diálogo com outros autores, a fim de compreender como foi sendo construída no decorrer dos anos a categoria de Espaço. SANTOS (2002) afirma que, a categoria de Espaço tanto pode ser entendida pelo lado objetivo quanto subjetivo da consciência humana. O Espaço foi representado por muito tempo através de pinturas, cartografia, conto. Sempre existiu uma grande necessidade de se representar o Espaço como sendo geométrico, pois, a forma como pensamos o Espaço é resultado de uma construção. O Espaço também pode ser representado pelo fator simbólico.

Com o decorrer dos anos, vários paradigmas foram sendo criados para uma explicação sobre o Espaço. O autor conclui que:

Espaço e tempo, da forma como hoje os concebemos, são a sistematização simbólica criada pelas e através das transformações advindas do desenvolvimento da sociedade burguesa (tese central). Produto e condição do processo, o que pensamos ser espaço e tempo são, na verdade, a ferramenta que possuímos para sistematizar a nossa relação com o mundo da maneira como hoje ele se nos apresenta. (SANTOS:2002, p.29)

Assim, como SANTOS (2002) compartilho da idéia de pensar o Espaço enquanto representação de poder. E será assim, que no decorrer do trabalho consideramos o “Espaço” – uma forma de representação de poder, sob a égide das Fronteiras.

Segundo HISSA (2002, p.35):

Uma reflexão sobre limites e fronteiras é, também, uma reflexão sobre o poder. Fronteiras e limites são desenvolvidos para estabelecer domínios e demarcar territórios. Foram concebidos para insinuar precisão: a precisão que pede o poder. Enquanto forma de controle, a precisão é necessária para o exercício pleno do poder.

A construção de conceitos e/ou definições como as questões de “Espaço e Fronteira”, sempre foram e serão superados, haja vista que os discursos e também a ciência são resultados do embate de idéias que são construídas e desconstruídas em cima da razão e ou/ comprovação de determinado fato, teoria ou idéia. Enfim, entendemos que os chamados conceitos sempre estarão em fase de construção, não sendo algo acabado. Do mesmo modo, a questão da fronteira também participa desta discussão e merece lugar de destaque dentro da Geografia.

No trabalho que venho desenvolvendo sobre a “Rota Bioceânica”⁴, uma de minhas preocupações tem sido compreender a questão da fronteira no conjunto dos países sul-americanos. Compreender que existe uma “necessidade”⁵ de integração sul-americana implica em entender que se faz necessário a integração dos territórios, não apenas no interesse proposto dentro da relação produção e consumo, mas na perspectiva de possibilidade de acesso a outros lugares, a outras fronteiras, outros povos e outras culturas.

Trabalhar com o Mato Grosso do Sul na perspectiva de integração regional sul-americana implica reconhecer a existência de fronteiras políticas entre os Estados, fronteiras com políticas e legislações diferentes, com especificidades próprias do lugar.

Mas será que as fronteiras realmente existem?

A questão da fronteira tem sido palco de diversas discussões e preocupações no campo das ciências humanas e em especial da Geografia.

Pela fronteira circulam homens, objetos, mercadorias, informações e idéias. É através das rodovias, hidrovias e ferrovias que acontece esta circulação. Esta circulação se dá numa grande velocidade; o mundo se encolhe ao mesmo tempo em que se alarga. Há várias indagações que o pesquisador deve levar em consideração ao trabalhar com espaços de fronteira. Dentre as quais: Será possível conhecer melhor este mundo para além das fronteiras dos Estados-Nações?

Penso que é no contato com o outro, é no contato com o diferente, é no contato com o outro lado da fronteira que se constrói o novo, se reconhece à diferença e o homem se transforma e transforma também o espaço geográfico.

Para compreender o que representa a fronteira é preciso entender o que é viver numa fronteira? É necessário indagar-se: as fronteiras sempre existirão? A fronteira é um lugar de encontro ou de desencontro? É o lugar de passagem ou de chegada? É o ponto de início ou fim de um território?

Concordo com àqueles que pensam que a fronteira é algo que une. A fronteira une os espaços a partir de relações econômicas, políticas, sociais e culturais. É preciso compreender a fronteira não como uma divisão rígida entre os países. Ela é a condição necessária para que eu entenda que o local é resultado de uma relação com o global, que perpassa as divisões políticas das fronteiras entre os lugares.

A fronteira também simboliza poder. Cada país dentro de seu território possui suas regras, políticas e forma de controle. Para trabalhar com a questão da fronteira é necessário um recorte espacial muito bem definido. Seguindo pela pesquisa de campo, observação e interação com o espaço de fronteira – o pesquisador deve se posicionar dentro dos dois lados de uma fronteira, sobre o lado de dentro e o lado de fora. Deve realizar uma pesquisa que descubra o real sentido de se pertencer ou não pertencer a uma fronteira.

⁴ A Rota Bioceânica no contexto da política de planejamento do governo é um instrumento de política pública usada para planejar/executar ações no sentido de melhorar a infra-estrutura de transportes de um conjunto de países, inseridos no seu traçado (Brasil/Argentina/Chile e Paraguai), se consolidando como corredor de passagem/exportação de produtos brasileiros para o mercado externo, barateando os custos de transportes pelos diferentes modais - rodovia, hidrovias, ferrovia e portos. É uma estratégia governamental para consolidação da integração sul-americana e o fortalecimento das exportações brasileira e regional. Trata-se, portanto, de um projeto de âmbito internacional que busca integrar a América do Sul ao mercado mundial a partir da integração multimodal de transportes.

⁵ Necessidade do ponto de vista do capital, ou seja, cada vez mais o termo integração é utilizado para que o capital possa expandir suas fronteiras e garantir cada vez mais sua expansão e acumulação.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivenciamos um período da história da humanidade em que o mundo cada vez mais se torna explorável, fluido e conhecido. Hoje, dentro do período considerado por alguns autores de modernidade, circular e atravessar fronteiras é algo cada vez mais constante dentro da dinâmica econômica a qual se entrelaçam o poderio econômico daqueles que possuem recursos pra tal faceta.

Por isso muito mais do que definir um conceito sobre a questão de Fronteira, a intenção é discutir o assunto e avançar algumas questões que estão em pauta no cenário mundial, como a questão da integração Sul-americana. Por que e para quem integrar? O que significa realmente esta integração regional Sul-americana?

Muito mais do que o apelo economicista, a discussão que se propõe é pensar nos aspectos humanos, ou melhor, nas pessoas e nos lugares onde esta integração irá acontecer. Pois qualquer tipo de integração causa impacto, e estes impactos se darão através das fronteiras dos territórios sul-americanos.

Por isso muito mais do que políticas de apelo integracionista, os governos, os intelectuais e a sociedade em geral devem discutir e re/pensar o que está sendo implementado nestes últimos anos no cenário mundial e sul-americano, dentro de políticas como o MERCOSUL ou da Rota Bioceânica. Tudo o que acontece seja a nível, global, regional ou local vai interferir na vida de todas as pessoas que vivem nestes espaços. Sejam elas brasileiras, paraguaias, argentinas, bolivianas ou chilenas.

As políticas públicas e os projetos internacionais devem ser construídos a fim de diminuir desigualdades sociais e buscar uma melhor distribuição de renda entre as pessoas.

A intenção é poder pensar numa outra forma de produção do espaço sul-americano para além do modo de produção capitalista excludente, expansionista e desigual que atualmente vivenciamos. Devemos sonhar com a construção de um mundo melhor em que possam ser reconhecidas e consideradas as diferenças entre os homens e os lugares. E que o desenvolvimento econômico não esteja acima dos interesses, anseios e necessidades humanas.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, Mônica. A regulação do território no contexto da globalização (uma trama entre as formas globais, nacionais e locais). In: SOUZA, Álvaro José de et. al. (org). *Paisagem, território e região: em busca da identidade*. Cascavel: Edunioeste, 2000. p.115-124.

BECKER, Dinizar F. & WITTMANN, Milton Luiz. *Desenvolvimento Regional: abordagens interdisciplinares*. 2. Ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2008.

BRASIL. (a) Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. *Plano plurianual 2004-2007: mensagem presidencial*. Brasília: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, 2003.

GARCIA, Eusébio Medina. Aportaciones para una epistemología de los estudios sobre fronteras internacionales. *Estudios Fronterizos*. v.7, n.13, 2006.

HARVEY, D. *A produção do espaço capitalista*. São Paulo: Annablume, 2005.

HISSA, Cássio E.V. *A mobilidade das fronteiras: inserções da Geografia na crise da modernidade*. Belo Horizonte: Ed. Da UFMG, 2002.

MARTINS, José de Souza. *Fronteira – a degradação do outro nos confins do humano*. São Paulo: Hucitec, 1997.

- MARTINS, Patrícia C. Statella. Fronteira, conceitos, lógicas e conexão. In ____ *A formação do território turístico de Pedro Juan Caballero (Paraguai)*. Mestrado em Geografia. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana,
- OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de (org.) Territórios sem limites: estudos sobre fronteiras. Campo Grande: UFMS, 2005.
- POULANTZAS, N. *O Estado, o poder, o socialismo*. Rio de Janeiro: Graal, 2ª ed. 1985.
- RODRIGUES, P.R.A. *Introdução ao sistemas de transporte no Brasil e à logística internacional*. São Paulo: Aduaneiras, 2007.
- SANTOS, Douglas. *A reinvenção do Espaço*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- SANTOS, M. *Economia espacial: críticas e alternativas*. São Paulo: Hucitec, 1979.
- SILVA VITTE, C. C. “Integração, soberania e território na América do Sul: um estudo da IIRSA (...)”. In: *Revista Terra Livre* n° 27. São Paulo : AGB, jul.-dez. 2006, p.31-48.
- SILVEIRA, A. L e MATHEUS, P. M. *Processo de Integração da América do Sul: O caso Brasil e Argentina*. UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina. (2001).